

Patrick Pessoa

Universidade Federal Fluminense

As vísceras da crítica

Por que algumas vezes, diante de um espetáculo teatral, temos uma resposta tão visceral de adesão ou repulsa? O que se passa em nós, em nossos corpos, quando algo efetivamente "acontece" durante uma peça de teatro? Trata-se apenas da velha "empatia" tão condenada por Bertolt Brecht? Ou haveria algo, nessa reação imediata, quase fisiológica ou instintiva, que vai além da dicotomia redutora entre "identificação empática" e "distanciamento reflexivo"? Qual é a relação entre essas "respostas viscerais" e os preconceitos estéticos que, mais ou menos conscientemente, trazemos conosco? As vísceras do crítico apenas atualizam corporalmente ideias preexistentes? Ou, antes, denunciam nossas limitações hermenêuticas, desmontando, ampliando ou reconfigurando o campo das nossas certezas prévias? Qual é a relação entre fisicalidade e linguagem, corpo e ideologia? Durante o trabalho de composição do texto crítico, sempre tardio com relação à experiência propriamente dita e fundamentalmente dependente da memória, como traduzir essas experiências corporais que, a princípio, não se apresentam como formulações linguísticas claras? De que modo a composição de um texto crítico pode fazer justiça a isso que resiste a se deixar apanhar por qualquer rede conceitual? Essas três séries de questões serão desdobradas a partir da tentativa de traduzir em palavras três experiências eminentemente sensoriais que tive recentemente assistindo a espetáculos de naturezas bastante distintas: A boba, de Wagner Schwarz; Fúria, da Lia Rodrigues Cia de Danças; e Pi: Panorâmina insana, com direção de Bia Lessa.
